

# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## RELATO

### A CONSTRUÇÃO DE MÉTODOS NO ENSINO SUPERIOR DA FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO EM SALA DE AULA E *IN LOCO* PARA DEFICIENTE VISUAL

Taís Maria Ferreira<sup>1</sup>, [taismariaferreira@yahoo.com.br](mailto:taismariaferreira@yahoo.com.br)

#### RESUMO

Relatos de experiência vividos em sala de aula, laboratórios e *in loco* com acadêmico portador de deficiência visual. No primeiro semestre de 2016, início das atividades com um acadêmico cego na Disciplina de Fotografia e Fotojornalismo. Sem conhecimento prévio com deficiente visual, a autora foi em busca de meios para atender as necessidades de aprendizado do acadêmico. Descrição de imagens textuais e audiovisuais, materiais pedagógicos construídos com papel, papelão, cola, arroz, sagu, palitos de sorvetes, dentre outros. Equipamentos como notebook, gravador e celular também são usados em seu aprendizado.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Ensino Superior. Inclusão. Fotografia. Fotojornalismo.

#### 1. INTRODUÇÃO

Relatos de experiências vividas em sala de aula, laboratórios ou *in loco* com acadêmico com deficiência visual, a partir de agora, denominado simplesmente de acadêmico cego. No início do ano letivo de 2016, fomos informados da matrícula de um acadêmico cego. Cego e agora? Sou técnica do laboratório de fotojornalismo; fiquei em pânico! Ensinar um menino cego a fotografar. Sem nenhuma experiência com uma pessoa portadora de qualquer deficiência. Todo o nosso conhecimento tinha que ser adaptado para atender as necessidades de aprendizagem do aluno. Logo, o medo e a incerteza foram aos poucos se tornando um novo desafio.

---

<sup>1</sup> Especialista em História Arte e Cultura, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, (UEPG)  
[taismariaferreira@yahoo.com.br](mailto:taismariaferreira@yahoo.com.br)



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Segundo Coutinho (2011, p.13),

Necessidades educacionais especiais é uma expressão que resgata a funcionalidade do processo educativo, considerando o que o aluno com necessidades educacionais especiais necessita em relação ao atendimento, recursos pedagógicos, metodologias educacionais específicas e adequações curriculares. Dessa forma, focalizamos não há deficiência, mas direcionamos o foco para as respostas educacionais que esse aluno necessita para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

No primeiro ano do curso de Jornalismo, a Disciplina de Fotografia e Fotojornalismo faz parte da grade. Essa disciplina foi ministrada pela professora Maria Fernanda Cordeiro. Ela fez várias pesquisas na internet e descobriu a Prof<sup>a</sup>. Janaína Gomes, da Universidade Federal de Santa Maria, RS, e que lá havia formado em Jornalismo uma menina cega. Essa pesquisa foi nosso ponto de partida. Com informações e sugestões da professora Janaína, “Uma das coisas que ela me passou foi a importância do áudio-descrição não somente para as aulas de fotografia, mas para todas as situações em que precisasse passar uma imagem, vídeo, gráficos ou símbolos.” (CORDEIRO, 2019). Formamos uma equipe e juntas trabalhamos para desenvolver recursos pedagógicos que atendesse da melhor forma possível às necessidades. Tudo foi adaptado de forma que proporcionasse melhor entendimento ao acadêmico. Os *slides* que a Maria Fernanda apresentava em sala de aula, eu descrevia para ele. Também criamos e adaptamos outros materiais. A exemplo de a utilização da cola relevo; que através do tato, ele conseguia perceber formas, tamanhos, quantidade, espessuras, composição, enquadramentos. Esse processo reforçava o que era falado. Assisti às aulas ao lado do aluno. Foi um pouco difícil, no início esse nosso contato. Ele era uma pessoa com problemas com o toque (para ensinar, precisava muitas vezes tocá-lo) e também era muito desconfiado. Precisei insistir muito para que ele tivesse confiança em mim. Também tomei a liberdade de conversar com seus pais e foi muito importante essa nossa conversa, pois a partir daí que eu comecei a entender e conhecer o jovem.



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

A primeira experiência prática com a câmera fotográfica foi marcante. Ele, todo empolgado com o equipamento na mão, queria fotografar tudo o que encontrava pela frente. Inclusive a parede. E eu deixei. A cada clique, precisava fazer uma descrição de seu feito. E ele ria muito. Estava muito feliz com a possibilidade de poder fazer algo em que muitos não acreditavam que pudesse ser possível. Dia após dia, foi conseguindo realizar seu sonho. Reconhecemos que não foi fácil. Além de todo o material pedagógico criado, também houve a necessidade de criar uma linguagem própria, onde pudéssemos ter o mesmo entendimento e chegar a um resultado positivo. A percepção da pessoa cega é diferente de quem vê. Nós conversávamos e eu percebia que ele tinha grande dificuldade de entendimento. O fato de passar assistir às aulas todos os dias me proporcionou uma aproximação maior com aluno; nós nos tornamos mais confiantes um com o outro. Essa aproximação foi importantíssima para que pudéssemos nos conhecer e nos entender. Precisávamos saber qual era a melhor forma de transmitir o conteúdo e aplicar na prática. O processo de ensino somado ao conteúdo que o professor passava em sala de aula foi construído dia a dia. Para que tudo corresse bem, foi um trabalho em equipe. Professor, técnico e aluno. E também a colaboração dos colegas. Havia a necessidade de fazer fotos externas, fora da sala de aula. E muitas foram as vezes que saí com o aluno. Com a supervisão do pai dele, devido à responsabilidade de cuidar para que nada de errado acontecesse a ele. Dentro da sala de aula, era mais fácil de cumprir as tarefas dadas pela professora. Porém, externamente, a dificuldade era gigante. Já é difícil abordar uma pessoa e pedir o consentimento para fotografar vendo, imagine sem ver. Recebemos muitos não. Mas a vontade de vencer dele era muito grande. Lembro de uma saída em especial, onde ele teria de cumprir uma atividade: fotografar problemas de acessibilidade. O tema foi escolhido por ele. A data foi uma escolha em comum acordo. Escolhemos um sábado pela manhã e fomos ao calçadão da cidade de Ponta Grossa, PR. Pensa em um dia frio e com



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

chuva. Ele todo agasalhado, com guarda-chuva, bengala e câmera fotográfica. A princípio, a dificuldade foi assustadora. Precisamos criar todo o processo de ensino no momento do trabalho. Aos poucos nos envolvemos de tal forma que surpreendentemente fomos desenvolvendo uma nova forma de fotografar. E assim concluímos a atividade. Descobrimos juntos que, quando se quer muito alguma coisa, com perseverança isso é possível. Claro que, ao fim da atividade, nós dois estávamos encharcados dos pés à cabeça. Mas o que mais me chamou a atenção era a alegria estampada no rosto dele

## 2. UM NOVO DESAFIO

A descrição das imagens. O que é cor para uma pessoa que nunca enxergou? Tamanho, formato, espaçamento, altura, entre outras coisas. Foram de forma primitiva com acertos e erros as primeiras tentativas das descrições textuais ou de áudios. Fizemos algumas simulações. Aprimoramos nossa linguagem. Porém, com o passar dos dias, tudo foi se tornando mais fácil e natural. A descrição e a áudio-descrição nos acompanham até hoje. A descrição em áudio é mais utilizada quando fazemos atividades externas e também em vídeos, filmes, tabelas, desenhos, gravuras, apresentados em sala de aula. A linguagem que utilizamos também foi acordada entre nós. Tínhamos muita dificuldade em determinar o que era frente e costas ou esquerda e direita; por esse motivo, criamos uma linguagem própria. Papel cartão, cartolina, papelão, folhas de EVA, cola, barbante, arroz, sagu, dentre outros materiais também fizeram parte das nossas atividades para o aprendizado do acadêmico.

## 3. USO DO CELULAR

Vivemos em um momento onde as novas tecnologias estão a nosso serviço. O computador foi o primeiro; o gravador foi o segundo equipamento utilizado pelo aluno. O terceiro foi o celular. Fizemos uma pesquisa de modelo e



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

marca na escolha do mesmo. A utilização de comandos com o celular foi fácil. Difícil foi fotografar. Com a câmera fotográfica, por ter um formato específico, ele não teve grandes dificuldade em localizar os comandos do equipamento. Mas, com o celular, este deu trabalho. Por ter um formato retangular e seu comando ser o contato com a tela, foi preciso muito treino, concentração e técnica específica (a linguagem criada por nós) para utilizá-lo. A melhor maneira encontrada foi sempre utilizar o celular na vertical. Isso possibilitou um melhor enquadramento nas imagens e facilitou o comando no equipamento.

## 4. INCLUSÃO

A Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, ampara a acessibilidade aos portadores de deficiências visuais, integração ao mercado de trabalho e educação adequada e adaptada (Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/o/21511>>. Acesso em: 08 mar. 2019). Partindo desse pressuposto de que todos os portadores de deficiência visual têm o direito à educação adequada e adaptada, seja ela a qualquer tempo e lugar, nós observamos que direitos nem sempre são cumpridos por inúmeros motivos. No ensino superior, poucos têm acesso. Outra dificuldade encontrada pelos deficientes é o despreparo dos ambientes de ensino e profissionais nas instituições, sejam elas públicas ou privadas e também a sociedade não está preparada para conviver e entendê-los. No primeiro momento em sala de aula, os colegas dele ficaram muito apreensivos com a notícia que teriam aula com um colega cego. Foi com o passar dos tempos, eles perceberam quão rica era aquela oportunidade de aprendizado para todos. Anteriormente, disse que foi um trabalho em equipe e reafirmo. Pois todo o trabalho desenvolvido dentro ou fora da sala de aula para que tivéssemos um resultado positivo foi a união de todos. Lara afirma que foi muito difícil no começo, porém na atualidade desenvolve atividades com ele. Diz ainda que fica



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

admirado com a dedicação e entusiasmo com que o colega faz as atividades. Silva relata ter aprendido muito com o acadêmico e que a oportunidade de aprendizado e a experiência foi positiva para todos. Para a professora Maria Fernanda Cordeiro, trabalhar com desafios de integrar pessoas com deficiência nas aulas proporcionou o verdadeiro sentido de inclusão que é não de oferecer privilégios, mas sim oferecer condições de que a pessoa possa usufruir das mesmas coisas ao mesmo tempo para os colegas e para a turma. O acadêmico cego relata que foi acolhido de forma gratificante e que todos proporcionaram desde o início um excelente convívio e que fez bons amigos.

## 5. REALIZAÇÃO

Ingressar em um curso superior é, sem sombra de dúvida, um sonho para pessoas sem deficiência. Maior ainda é o sonho de quem tem deficiência, pois as dificuldades são muito mais. Em uma breve conversa, perguntei ao Fonseca, como foi o seu primeiro momento na faculdade? E ele me disse que foi bem recebido, e que imediatamente a instituição proporcionou condições para sua locomoção a exemplo da pista tátil, também cardápio em Braille, com parceria da APADEVI (Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual). Afirma ainda que o professor e coordenador de Jornalismo e demais professores contribuíram para sua inclusão em todas as atividades do Curso de Jornalismo. Quanto aos métodos utilizados para seu aprendizado, diz que foi muito bom, pois proporcionou que melhorasse sua coordenação motora e, ao mesmo tempo, o conhecimento teórico e prático. Ele se lembra de duas saídas a campo que marcaram como atividade prática, a do Parque Histórico de Carambeí e quando fotografou, em um dia de chuva, as ruas inacessíveis do Calçadão de Ponta Grossa. Perguntamos a ele sobre as descrições das imagens, fotos, gráficos, se tinham atendido suas necessidades. “Descrevem com clareza os acontecimentos presentes em imagens, afirmou.” E “acredita que, com a evolução da



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

acessibilidade, a Instituição de Ensino Superior em que ele estuda tende a melhorar constantemente sua metodologia para as demais pessoas com deficiência que poderão realizar um curso no futuro”. Ao finalizar, quero fazer nossas as palavras da professora Maria Fernanda Cordeiro, “ao trabalhar com este aluno, nós aprendemos que ninguém pode dizer quais são os limites de outra pessoa com ou sem deficiência. E que somos muito gratas por poder participar da trajetória e realização do sonho dele”.

## REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Maria Fernanda. **Inclusão no Ensino Superior**. Entrevista concedida pela especialista do Curso de Jornalismo da UniSecal. Ponta Grossa, PR: em 06/03/2019.

COUTINHO, Márcia Maria de Azevedo. **A inclusão da pessoa com deficiência visual na educação superior e a construção de suas identidades**. Tese de Mestrado. Campo Grande/MS: Universidade Católica Dom Bosco, 2011.

FONSECA, Gabriel. **Inclusão no Ensino Superior**. Entrevista concedida pelo acadêmico do 7º período do Curso de Jornalismo da UniSecal. Ponta Grossa, PR: em 06/03/2019.

LARA, Matheus Antonio Ferreira de. **Inclusão no Ensino Superior**. Entrevista concedida pela acadêmica do 7º período do Curso de Jornalismo da UniSecal. Ponta Grossa, PR: em 06/03/2019.

Portal da Educação, **O deficiente visual e a lei**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/o/21511>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SILVA, Carolina de Lima. **Inclusão no Ensino Superior**. Entrevista concedida pela acadêmica do 7º período do Curso de Jornalismo da UniSecal. Ponta Grossa, PR: em 06/03/2019.

